



**ESTRESSE E COMPORTAMENTO DO EMPREENDEDOR: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO  
COM EMPREENDEDORES QUE VIVENCIARAM O INSUCESSO EMPRESARIAL**

*STRESS AND BEHAVIOR OF THE ENTREPRENEUR: AN EXPLORATORY STUDY WITH  
ENTREPRENEURS WHO HAVE EXPERIENCED BUSINESS FAILURE*

*ESTRÉS Y COMPORTAMIENTO DEL EMPRENDEDOR: UN ESTUDIO EXPLORATORIO CON  
EMPREENDEDORES QUE VIVENCIARON EL FRACASO EMPRESARIAL*

**Italo Fernando Minello**  
italo.minello@uol.com.br  
UFSM

**Tarizi Cioccarri Gomes**  
tarizi@hotmail.com  
UFSM

## ESTRESSE E COMPORTAMENTO DO EMPREENDEDOR: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO COM EMPREENDEDORES QUE VIVENCIARAM O INSUCESO EMPRESARIAL

### Resumo

O objetivo deste trabalho foi analisar a influência do estresse sobre o comportamento de empreendedores que vivenciaram o insucesso empresarial. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e exploratória. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com oito empreendedores que passaram pela experiência do insucesso. Para a análise dos dados, adotou-se a técnica de análise de conteúdo, sendo definidas, a partir do relato dos entrevistados, quatro categorias de análise não a priori: eventos estressores relacionados à família e aos amigos, desentendimentos com os sócios, questões econômicas e sentimentos depreciativos. Conclui-se, que a experiência do fracasso para os empreendedores entrevistados fez emergir sentimentos de tristeza e tensão, relacionados ao insucesso de seu negócio e pelas necessidades que surgiram a partir dele. Essa situação foi estimulada pelos desentendimentos e decepções com os sócios, pelo medo de perder a possibilidade de estar ao redor de amigos ou grupo social, pela perda de crédito, pelo estigma do fracasso e por sentimentos depreciativos; os quais repercutiram diretamente no comportamento dos empreendedores entrevistados, evidenciados por ações autodestrutivas como a ideação suicida, provocadas pelo esgotamento de sua capacidade em lidar com o estresse gerado por tal situação, contribuindo para a formação de suas identidades, percepções e reações.

**Palavras-chave:** Estresse . Empreendedor . Comportamento do empreendedor . Insucesso empresarial . Estresse do empreendedor.

### Abstract

The objective of this study was to analyze the influence of stress on the behavior of entrepreneurs who have experienced business failure. The research is characterized as qualitative and exploratory. Semi-structured interviews were conducted with eight entrepreneurs who went through business failure. For the data analysis, the technique of content analysis was adopted, being defined from the report of the interviewees, four categories of analysis non-priori: stressors related to family and friends, disagreements with partners, economic issues feelings and derogatory. The conclusion was that the experience of failure for the interviewed entrepreneurs did arouse feelings of sadness and tension related to the failure of your business and the necessities arising from it. This situation was prompted by disagreements and disappointments with partners for fear of losing the opportunity to be around friends or social group, loss of credit, the stigma of failure and derogatory sentiments. These have directly affected the behavior of entrepreneurs respondents, as evidenced by self-destructive actions and suicidal ideas caused by the exhaustion of their ability to cope with stress generated by this situation, contributing to the formation of their identities, perceptions and reactions.

**Key words:** Stress . Entrepreneur . Behavior of entrepreneur . Business failure . And stress of the entrepreneur.

### Resumen

El objetivo de este trabajo fue analizar la influencia del estrés en el comportamiento de emprendedores que vivenciaron el fracaso empresarial. La investigación caracteriza-se como cualitativa y exploratoria. Fueron realizadas entrevistas semi-estructuradas con ocho emprendedores que pasaron por la experiencia del fracaso. Para el análisis de los datos, se adoptó la técnica de análisis de contenido, siendo definidas, a partir del relato de los entrevistados, cuatro categorías de análisis no a priori: eventos estresantes relacionados a la familia y a los amigos, desacuerdos con los socios, cuestiones económicas y sentimientos despreciativos. Concluyese que la experiencia del fracaso para los emprendedores entrevistados hizo surgir sentimientos de tristeza y tensión, relacionados al fracaso de su negocio y por las necesidades que surgieron a partir de él. Esta situación fue estimulada por los desentendimientos y decepciones con los socios, por el miedo de perder la posibilidad de estar alrededor de amigos o grupo social, por la pérdida de crédito, por el estigma del fracaso y por sentimientos despreciativos; los cuales repercutieron directamente en el comportamiento de los emprendedores entrevistados, evidenciados por acciones autodestructivas como la ideação suicida, provocadas por el agotamiento de su capacidad en lidiar con el estrés generado por tal situación, contribuyendo para la formación de sus identidades, percepciones y reacciones.

**Palabras clave:** Estrés . Emprendedor . Comportamiento del emprendedor . Fracaso empresarial . Estrés del emprendedor.

## 1 INTRODUÇÃO

Muitas mudanças vêm ocorrendo no ambiente organizacional oriundas de novas tecnologias e estruturas organizacionais. Juntamente com as constantes mudanças surgem muitos desafios, que levam as pessoas a reagirem diante de um processo de adaptação (NICKEL e COSER, 2007). No entanto, na visão dos autores, quando as pressões para haver uma mudança são maiores do que a capacidade de adaptação do indivíduo, este tende a sofrer, principalmente quando essas mudanças trazem determinadas perdas.

Lazarus (1995) e Lazarus e Folkman (1984) consideram que o estresse surge à medida que o indivíduo percebe e avalia os acontecimentos e as situações pelas quais passa como estressoras, demonstrando que os elementos cognitivos desempenham um importante papel no processo entre os estímulos estressores e as respostas dos indivíduos. Para Lipp (2000), o estresse representa a ruptura do equilíbrio interno de uma pessoa, a qual é causada pelo estado de tensão gerado pelo seu surgimento. A autora acrescenta ainda que há uma interação dos indivíduos com o meio, o que os deixa vulneráveis às suas influências.

As pessoas, no ponto de vista de Bonanno (2004), podem lidar de diversas formas com a perda; algumas são incapazes de se recuperar, enquanto outras sofrem mais durante um período menor de tempo e de intensidade. Todavia, apesar de algumas pessoas aparentemente se recuperarem rapidamente de perdas ocorridas, posteriormente passam a ter problemas de saúde inesperados, dificuldades de concentração ou mudam a forma de encarar a vida.

Considerando-se que os indivíduos passam, em torno de um terço de suas vidas, dentro de ambientes organizacionais, parece coerente supor que tais contextos também possam representar fonte estimuladora de estresse (SCHERMERHORN, HUNT E OSBORN, 1999). Nesse sentido, o estresse deixou de ser somente em função da saúde das pessoas, visto que as organizações também passaram a sofrer com esse mal (MEJÍA, 2006). O estresse, portanto, parece ser um dos fatores que repercutem de maneira significativa no comportamento do indivíduo dentro das organizações, bem como na sua forma de gestão e na maneira como desempenha sua atividade empreendedora. Tendo-se o indivíduo como empreendedor e gestor do seu negócio, essa repercussão pode influenciar e/ou provocar diferentes situações geradoras do estresse.

Dessa forma, o comportamento do empreendedor, muitas vezes, representa o comportamento da organização, repercutindo no sucesso ou no fracasso do negócio, o que pode estar diretamente relacionado ao comportamento do empreendedor e a sua forma de perceber e de agir diante das diferentes situações. As jornadas de trabalho excessivas podem contribuir para o aparecimento do estresse, pois cargas de trabalho pesadas ou a ausência de habilidades torna propício o desequilíbrio vida-trabalho (SALGADO e MEJÍA, 2008).

Porcaro (2006), ao referenciar Liles (1974), afirma que o empreendedor arrisca seu bem-estar psíquico, oportunidades de carreira e relacionamentos familiares, além do capital investido no negócio, comprometendo seu padrão de vida atual e futuro, acarretando grandes prejuízos ao indivíduo. Diante disso, a perda ou a quebra de uma empresa ocasiona uma resposta emocional negativa nesse indivíduo (SHEPERD, 2003). Segundo esse autor, a dor do insucesso em um negócio é comparada à dor da perda de uma pessoa querida.

Nesse sentido, este artigo tem o objetivo de analisar a influência do estresse sobre o comportamento de empreendedores que vivenciaram o insucesso empresarial. A fim de alcançá-lo, refletiu-se sobre o seguinte questionamento - *Como o estresse do empreendedor pode influenciar o seu comportamento diante do insucesso empresarial?*

## 2 ESTRESSE

Selye (1965) considera que o termo estresse é de origem latina e foi usado no século XVII por engenheiros para designar a energia em direção a uma resistência. Esse termo passou a ser utilizado também no campo da saúde, com a finalidade de esclarecer o excesso de tensão do organismo quando há um desequilíbrio que gere a necessidade de readaptação em relação ao agente estressor (SELYE, 1965). O autor revolucionou a medicina com a *Síndrome de Adaptação Geral* (SAG), por meio de estudos experimentais, e ela foi considerada a soma das reações do corpo decorrentes de exposição às fontes de estresse.

Para Selye (1965), o estresse pode manifestar-se por meio de três fases: alerta, resistência e exaustão. A fase de alerta ocorre quando a pessoa enfrenta uma situação que produz tensão e a prepara para uma ação. Nessa fase, caso o agente estressor não seja suprimido, o indivíduo avança para a fase de resistência, em que o indivíduo passa a utilizar energia para adaptar-se a essa situação e manter o equilíbrio. Se não é estabelecido o equilíbrio, o indivíduo tende a sentir desgaste generalizado. Lipp (2000) confirma a visão de Selye, acrescenta, porém, uma nova fase intermediária denominada quase-exaustão, localizada entre a fase de resistência e a fase de exaustão. A fase de quase-exaustão é manifestada quando o indivíduo não consegue se adaptar ao evento estressor e passa a apresentar doenças como a diabetes e a hipertensão. Na fase de exaustão, segundo Lipp e Malagris (1995), a pessoa apresenta um aumento nas suas estruturas linfáticas, exaustão psicológica e física, depressão, ansiedade aguda, ou ainda, pode levar o indivíduo à morte.

Na visão de Paschoal e Tamayo (2004), o estresse ocupacional está relacionado com o trabalho e representa um processo no qual o indivíduo passa a perceber as ações como estressoras e pode exceder sua habilidade de enfrentamento, provocando reações positivas ou negativas, conforme sua percepção. Nesse sentido, Lazarus (1995) e Lazarus e Folkman (1984) evidenciam que, em um contexto específico, os eventos podem ser considerados estressores para uma pessoa, influenciando seu comportamento diante deles.

Um mesmo estímulo pode provocar respostas completamente diferentes no mesmo indivíduo em diversos momentos ou situações, ou em duas pessoas diferentes (CHAMON, 2006). Nessa linha de raciocínio, Minello (2010) menciona que o estresse apresenta uma relação direta com a percepção do indivíduo frente a situações de adversidade que, dependendo de sua interpretação, faz com que o estresse seja potencializado ou não. O que é percebido como estressante para uma pessoa, pode não ser para outra.

Os estressores considerados comuns no ambiente de trabalho são as exigências da tarefa, ambiguidades do papel, conflitos do papel, dilemas éticos, problemas interpessoais, desenvolvimentos de carreira e ambiente físico (SCHERMERHORN, HUNT e OSBORN 1999). Na perda de um emprego, a pessoa acaba rompendo vários relacionamentos, pois o trabalho proporciona uma rede de relações (JOB, 2003). Para o autor, o emprego é a principal fonte de significado e de ordem na vida das pessoas, e aquelas que não mais o têm podem se sentir sozinhas e debilitadas. Dessa forma, confirma-se o entendimento de que a perda do trabalho ou a ameaça de perdê-lo é uma das principais causas de estresse.

Além disso, os acontecimentos com os familiares, as dificuldades financeiras e os problemas pessoais podem ser estressantes para uma pessoa, afetando suas emoções e seu comportamento, tanto no trabalho, quanto fora dele (SCHERMERHORN, HUNT e OSBORN 1999). Segundo os autores, os indicadores de estresse excessivo podem ser as alterações nos hábitos alimentares e no consumo de tabaco e álcool, dores, disfunções estomacais, inquietação, pouca concentração, insônia, tensão, desorientação, irritabilidade, dentre outros.

No que se refere ao estresse do empreendedor, Drucker (1998) evidencia que as crises diárias fazem parte dos negócios e os empreendedores, proprietários-gestores de pequenos negócios, visualizam frequentemente o confronto com as diversas situações complexas e imprevisíveis do dia a dia. Essas situações são oriundas do próprio contexto, exigindo novos cenários para manter o negócio nessa turbulência. Em conjunto com essas situações estão a pressão que o empreendedor recebe em ser responsável pelo seu negócio e a dificuldade em administrar a empresa.

O homem tem a tendência de culpar os fracassos devido às situações e, não, aos seus atos. Isso é compreensível à medida que o indivíduo cria maneiras para minimizar o estresse causado pelo insucesso, e a crença de que ele não tem qualquer responsabilidade sobre a situação parece proporcionar o surgimento de uma falsa imagem de si mesmo, uma autoilusão que o impede de aprender com os erros (MINELLO, 2010). Para Zacharakis, Meyer e Decastro (1999), os empreendedores reconhecem que causas internas são, em parte, responsáveis pelo fracasso de um empreendimento. No entanto, os empreendedores afirmam que a atribuição ao fracasso está relacionada a fatores externos do indivíduo.

O fracasso organizacional altera o curso de vida e gera significativo estresse para o empreendedor (SINGH, CORNER e PAVLOVICH, 2007). Finkelstein (2007) aborda alguns aspectos que favorecem o insucesso empresarial: acreditar que tem total domínio do seu ambiente de negócios; vislumbrar o seu negócio como uma extensão de si; crer que tem todas as respostas; não levar em consideração os problemas e não estar predisposto a escutar ou procurar soluções inovadoras para os problemas encontrados.

### **3 EMPREENDEDORISMO E COMPORTAMENTO DO EMPREENDEDOR**

O termo empreendedorismo gera uma grande confusão entre os pesquisadores sobre a sua definição (FILION, 1999). No entanto, a confusão pode ser ocasionada pelo fato de os pesquisadores terem uma tendência em conceituar os empreendedores fazendo uso de pressupostos econômicos e comportamentais dentre outros. Cantillon e Say, citados por Filion (1999, p. 7), definiram os empreendedores como “[...] pessoas que corriam riscos, basicamente porque investiam o seu próprio dinheiro”.

McClelland (1961) apresentou um novo enfoque ao empreendedor, relacionando o empreendedorismo com as necessidades do indivíduo. O autor foi um dos pioneiros a estudar o comportamento humano, tornando-se um dos principais pesquisadores da ciência do comportamento. Seus estudos tiveram foco na motivação psicológica, composta por três necessidades: realização, afiliação e poder. Representante da escola comportamentalista, o autor desenvolveu um modelo a fim de identificar as características comuns de empreendedores de sucesso: busca de oportunidades e iniciativa, persistência, comprometimento, exigência de qualidade e eficiência, disposição de correr riscos calculados,

estabelecimento de metas, busca de informações, planejamento e monitoramento sistemático, persuasão e rede de contatos e independência e autoconfiança.

O processo empreendedor pode ser compreendido como a ação de criar algo novo que tenha valor no tempo e esforço necessário, admitir os riscos financeiros, psíquicos e sociais e receber as recompensas (HISRICH, PETERS e SHEPHERD, 2004). Na visão de Dolabela (1999), o empresário precisa estar consciente da relevância da imagem do gestor como uma ferramenta, para que o empreendimento chegue ao sucesso. O gestor deve ter características de empreendedor como iniciativa, autonomia, autoconfiança, otimismo e fixar metas dentre outros elementos necessários para a organização.

Drucker (2004), na referência de Minello (2010), considera que o executivo eficaz vê a mudança como uma forma de oportunidade e, não, uma ameaça; desenvolve uma análise sistemática de transformações dentro e fora da empresa e investiga a maneira mais apropriada de explorar essa mudança para que seja uma oportunidade para a organização. O empreendedor analisa a existência de oportunidades em situações de sucesso ou fracasso inesperado da própria empresa ou de uma concorrente. Além disso, o empreendedor procura identificar a diferença entre a realidade e a possibilidade em um mercado/ processo/ produto/ serviço, alguma inovação de um processo/ produto/ serviço, no ambiente interno ou externo à organização dentre outros.

O empreendedor bem-sucedido é caracterizado por ter qualidades do administrador e qualidades próprias que, juntamente com características sociológicas e ambientais, consistem em um novo empreendimento (DORNELAS, 2008). Dentre as características empreendedoras que mais se destacam entre os indivíduos empreendedores estão a visão, a tomada de decisões, o proveito das oportunidades, determinação, dinamismo, liderança e habilidade como formador de equipes, paixão por empreender, independência e construção do seu próprio destino, vontade de ficar rico, relacionamentos bem estruturados, organização, planejamento, conhecimento, admitir riscos calculados e criar valor para as outras pessoas (DORNELAS, 2008).

Machado (2006), partindo da ideia desenvolvida por Baugnet, afirma que compreender a emocionalidade dos empreendedores é importante, visto que a vida emocional e afetiva exerce uma função dinâmica na elaboração das representações. As emoções são consideradas importantes para a construção das representações e das identidades, pois representam o confronto entre os acontecimentos externos e a forma como o indivíduo pensa, percebe e reage diante deles (MACHADO, 2006).

#### **4 SUCESSO E INSUCESSO EMPRESARIAL**

Na visão de Fleck (2009), pode-se observar empiricamente que o sucesso parece cultivar o fracasso. A autora evidencia que histórias consolidadas de sucesso corporativo frequentemente sucumbem e tornam-se pesadelos criticados no futuro. Thorne (2000) sugere que o fracasso não é a falta do sucesso, mas parte integrante dele: os dois conceitos estão inter-relacionados e são interdependentes e, não, mutuamente exclusivos.

Para Santos (1995), o sucesso empresarial parece estar atrelado à atividade empreendedora e sugere alguns aspectos relevantes a serem considerados nessa atividade, objetivando uma reflexão por parte do empreendedor em relação ao seu negócio e ao ambiente em que o mesmo está inserido. O sucesso nos negócios, de acordo com Reich (2002), está atrelado a um

conjunto de aspectos que, aparentemente, podem ser relacionados à percepção do empreendedor, como a captação de oportunidades de mercado, o espírito de inovação, a relação entre a criatividade e a intuição no comando da organização.

Para que isso se efetive, requerem-se algumas qualidades do empreendedor e do empreendimento e que elas interajam entre si, visto serem interdependentes, o que significa que as qualidades do empreendedor irão influenciar e determinar a qualidade do negócio. O empreendimento, então, se torna um reflexo do seu empreendedor, e as características do empreendedor representam um fator determinante para o seu sucesso e, conseqüentemente, para o do empreendimento.

O fracasso organizacional, por sua vez, pode ser decorrente, na visão de Pereira et al. (2007), de um conjunto de diferentes e complexas causas e estar relacionado à ineficiência de sua estrutura, de sua estratégia, às mudanças tecnológicas ou à evolução da situação econômica. Para os autores, não há uma definição do que vem a ser o fracasso organizacional, visto que não se tem uma teoria geral do fracasso organizacional. A diferença do sucesso e do fracasso são as características, as capacidades e habilidades do empreendedor, caracterizadas pela forma que enfrenta as adversidades.

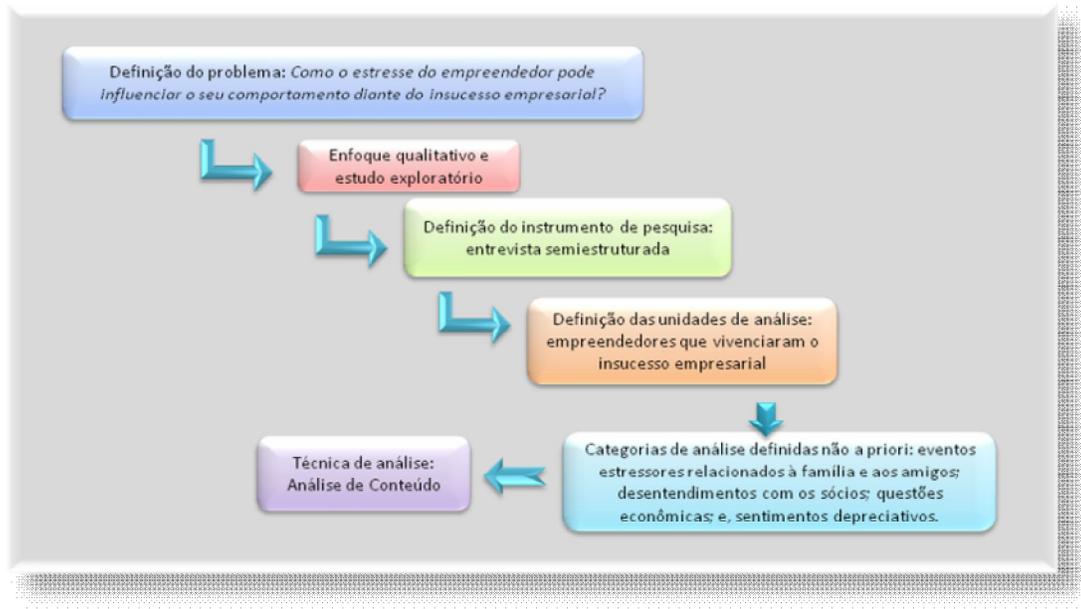
Para os empreendedores, os fracassos podem ser muito dolorosos. Todavia, pode-se perceber que eles poderiam ter sido evitados, no momento em que esse indivíduo desse maior atenção a determinados elementos na execução das atividades da empresa (HISRICH, PETERS e SHEPHERD 2009). Nesse sentido, Sheperd (2003) comenta que a perda de uma empresa ocasiona uma resposta emocional negativa no indivíduo, o que pode interferir na capacidade de aprendizagem com a perda do negócio. O autor considera que, para haver maior compreensão a respeito da aprendizagem com o fracasso, é preciso explorar o papel das emoções negativas. Admitir o fracasso é praticamente um tabu e, quando isso ocorre, as pessoas o descrevem tendendo a demonstrar o seu sucesso pessoal (WHETTEN, 1980).

## **5 MÉTODO DE PESQUISA**

A fim de atingir o objetivo proposto – analisar a influência do estresse sobre o comportamento de empreendedores que vivenciaram o insucesso empresarial – foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. O enfoque qualitativo pode ser caracterizado por suas propriedades as quais propõem a relação de elementos não mensuráveis (FACHIN, 2006). Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2006), o estudo exploratório visa a discussão para o aumento do conhecimento sobre temas que não foram muito detalhados ou ainda para ampliar estudos já existentes.

No intuito de proporcionar uma visualização dos procedimentos metodológicos adotados, elaborou-se a figura 1.

Figura 1 - Desenho de pesquisa



Fonte - Elaborada pelos autores do artigo.

O instrumento de pesquisa utilizado para a coleta de dados foi entrevista semiestruturada com empreendedores que vivenciaram o insucesso empresarial, por meio de um roteiro previamente definido. As unidades de análise da pesquisa foram oito empreendedores que passaram pela experiência do insucesso empresarial, tendo seus negócios descontinuados, os quais foram denominados E1, E2,..., E8. Sendo seus empreendimentos sediados na região da Grande São Paulo.

Com relação ao estudo dos dados, adotou-se a técnica de análise de conteúdo como instrumento de análise, sendo as categorias de análise definidas não *a priori*, a partir dos relatos dos entrevistados. Para Bardin (2011), essa técnica representa a união de técnicas de análise de comunicação que busca obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, a definição do conteúdo das mensagens repassadas, indicadores que permitam inferir conhecimentos relacionados às condições de produção ou de recepção dessas mensagens. A análise foi feita a partir da definição das seguintes categorias de análise não *a priori*: eventos estressores relacionados à família e aos amigos, desentendimentos com os sócios, questões econômicas e sentimentos depreciativos.

## 6 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 6.1 Eventos estressores relacionados à família e aos amigos

Yunes e Szymanski (2001) consideram o estresse uma relação específica entre o sujeito e o meio, percebido pelo indivíduo como um excedente aos recursos disponibilizados por ele, deixando em perigo o seu bem-estar. Dessa forma, em caráter subjetivo, a condição de estressor está intimamente atrelada à percepção que o indivíduo tem de certa situação, de sua interpretação do evento potencialmente gerador de estresse. O que é visto como um desafio para uma pessoa pode ser percebido como um perigo para outra. Para Yunes e Szymanski (2001), os fatores de risco, como o estresse, precisam ser pensados e percebidos, não como uma variável em si e, sim, como um processo relacionado às situações de adversidade, que

pode vir a aumentar a possibilidade de uma pessoa desenvolver problemas físicos, sociais e/ou emocionais. A origem dessas situações adversas pode ter várias fontes, como o divórcio dos pais, a perda de pessoas queridas, abuso sexual/físico contra a criança, pobreza, holocausto, desastres e catástrofes naturais, guerras e outras formas de trauma, como a situação de insucesso profissional vivenciado por um empreendedor.

Segundo Schneider e Pacheco (2010), dentre os elementos relacionados aos maus-tratos na adolescência, estão em não receber a atenção dos pais, ser rejeitado por familiares e ser desvalorizado. Ao analisar os relatos dos entrevistados, pode-se perceber que dois dos oito empreendedores sofreram abusos psicológicos na infância, gerando traumas e perturbações.

“A minha sorte foi lançada logo quando eu nasci, o meu pai pego, abandono a minha mãe, falando do pai biológico, mãe biológica, me abandono, minha mãe sem ter opção de escolha, já tinha uma filha de um outro pai, que já tinha dado pra minha avó criar, por sua vez, já era a mãe adotiva da minha mãe. Então, essas coisas foi começando a me traumatizar, dando um trauma em mim.” (E1)

“Na infância, porque nós fomos morar uma época com o vizinho, uma época com parentes, meu pai teve um segundo casamento que não deu certo, meu pai teve um terceiro casamento que não deu certo e agora tá no quarto. E aí teve uma, uma... Tumultuou né, a infância tumultuou os rumos, eu não tinha uma mãe pra cuidar, um pai que trabalhava, era motorista de ônibus aposentou motorista de ônibus, então, ele trabalhava o dia inteiro, minha mãe que cuidava, e a gente ficou largado, né.” (E6)

Na visão de Masten (2001), pais competentes podem produzir menos fatos estressantes na vida familiar, por exemplo, escolher morar em bairros com pequenos índices de criminalidade, conseqüentemente com baixos riscos e melhores recursos na comunidade. No entanto, algumas situações podem ser consideradas estressantes para o indivíduo, como no caso de ambientes violentos que podem representar a perda de amigos, devido à criminalidade. O trecho do relato de E7 ilustra essa questão.

“Eu perdi muitos amigos que me ... por outros caminhos, que infelizmente a gente morava numa periferia na época, né, na Graviândia, ali na zona oeste, então, muitos deles envergavam pro caminho do crime, muitos amigos que estudaram comigo morreram, então, foram coisas assim, muito marcantes, tristes da juventude, a gente perdeu muitos, não foi um nem dois, foram vários amigos que morreram né, então esse é um fato triste.” (E7)

Além disso, quatro dos oito entrevistados vivenciaram a morte de familiares e destacaram como fatos relevantes de suas vidas. Para Lipp (2000), as ocorrências estressoras negativas na infância, como brigas, separação entre pai e mãe, morte na família, doenças e a disciplina dos pais, podem ter relação com os sintomas depressivos em outros momentos da vida, ocasionando danos no desenvolvimento do indivíduo. Os relatos dos entrevistados que passaram por tais situações demonstram que esse período foi traumático para eles.

“Ouve uns trauma, né, teve uns trauma, bom o trauma foi aquele da minha mãe, que me deu uma arma aos sete anos de idade, o trauma

foi os amigo que eu achava que era amigo e todos me abandono, o trauma mais forte, foi o da arma. Esses foi o reflexo da minha... do auge do meu sucesso, como serralheiro, e do fracasso também." (E1)  
"Mais aos vinte e dois, vinte e um, os meus pais faleceram, com um periodo de quarenta dias entre um e outro, minha mãe tinha um problema de saúde, meu pai num acidente de carro. E isso foi um fato relevante, porque a partir dali minha vida entrou num outro circuito, e, e, eu comecei a entender o mundo de uma forma diferente." (E2)

Minello (2010) evidencia o entendimento de diversos autores (BARLACH, 2005; HISRICH, PETERS e SHEPHERD, 2004; MALVEZZI, 1999; FLACH, 1991; ROBB, 2000) quanto à percepção dos indivíduos e à gestão de sua própria subjetividade, a forma de perceber o que acontece ao seu redor, assim como o impacto das adversidades em suas vidas. Para esses autores, isso representa um desafio às pessoas que trabalham nas organizações, em especial, aos empreendedores, visto que necessitam se adaptar às adversidades do contexto, podendo ocasionar riscos à saúde mental e potencializar o sofrimento do indivíduo. Esse impacto, segundo Minello (2010), pode provocar variadas situações, como o fracasso empresarial. Dessa forma, os acontecimentos ocorridos anteriormente ao fracasso do empreendimento próprio podem ter alguma relação com outros períodos da vida dos empreendedores devido ao sofrimento causado nos indivíduos.

"A minha perda, oh, a minha, uma coisa que não gosto muito de falar, até poucas pessoas sabem né, foi a perda da minha esposa, ela sofreu um acidente, perdi a esposa e um filho num acidente na Dutra, e fiquei 21 anos basicamente, dois anos fiquei viúvo, e depois de dois anos, tava casado novamente, e a nível de paixão ela foi uma paixão, como diz cada amor é diferente, né, mais ela, realmente, tive um amor". (E4)

"Era eu e mais duas irmãs, só que uma é falecida hoje, e também a morte dela com trinta e cinco anos, com câncer generalizado, foi duro e... Mas assim, que judiou mais assim, é isso, a morte da mãe, da irmã... São as passagens mais difícil assim." (E6)

"Na verdade, eu repeti um ano só, na minha vida acadêmica toda, porque eu abandonei, foi uma parte difícil, revoltadíssima da minha vida, foi separação dos meus pais tal, e abandonei estudo, e, foi uma tragédia." (E8)

As ocorrências resultantes da vida de um indivíduo geram efeito acumulado de suas forças, representando uma fonte de estresse no trabalho (SCHERMERHORN, HUNT e OSBORN, 1999). Os acontecimentos com os familiares, as dificuldades financeiras e os problemas pessoais durante o período do insucesso empresarial podem ser elementos estressantes para o indivíduo, afetando suas emoções e seu comportamento. Cinco dos oito entrevistados afirmaram ter sentido dificuldade nos relacionamentos com os amigos e nas relações familiares ocasionadas pelos problemas sentidos com a quebra do negócio.

"Isso era difícil. Porque, eu estava rodeado de amigos que supostamente eram amigos, mais eu só fui perceber que é amigo do que eu podia é... atribuir a eles, atrair, podia patrocinar pra eles, que

eles eram meus amigos quando eu tinha dinheiro no bolso, quando eu bancava rodada de cerveja.” (E1)

“Então, isso é uma das coisas mais graves, eu sempre fui uma pessoa extremamente de razão e nesses momentos eu percebo que... E aí é briga com a mulher, sabe é... Aí você... A família começa a ter problemas, você começa a passar os teus problemas pros teus filhos.” (E4)

“Uma tristeza, tristeza por encerrar, eu não gosto de chegar, não gostaria nunca de ter encerrado a empresa da forma como encerrou, porque ela encerrou um ciclo de amizade que eu tinha, nutria uma amizade, depois eu percebi que era, era, acho que de um lado só, e... é isso, eu acho que foi triste.” (E5)

“Foi mais a parte família, isso machuca muito, você aceitar colocar a sua família numa condição desfavorável, é, daí fala bom, porque eu fiz isso? Oh o resultado hoje que minha família tá vivendo por um erro meu, aí você começa a pensar, será que eu fui muito ganancioso?” (E7)

Com a descontinuidade do negócio, a maioria dos empreendedores entrevistados manifestou que era difícil pensar no recomeço. Havia uma tristeza muito grande pelo encerramento das atividades e pelas necessidades que o insucesso causou. No entendimento de Selye (1965), quando ocorre excesso de tensão em uma pessoa, há o desequilíbrio que causa uma necessidade de readaptação. Os trechos de algumas entrevistas corroboram a dificuldade visualizada pelos empreendedores ao pensarem em recomeçar.

“Quando eu comecei a quebrar, o que mais foi difícil naquele exato momento foi ter que voltar do início, pra mim ter que recomeçar, eu já não encontrava forças, por que foi difícil chegar até ali. Então, pra mim aceitar, que ter que recomeçar novamente, então, isso era muito difícil, ter que recomeçar novamente”. (E1)

“Mais o fato é que eu não tinha reservas, não tinha dinheiro, não tinha cliente, e tava obeso, muito obeso, né, então, isso me deixou um pouco cansado. E, assim, tinha que pagar aluguel da empresa onde eu tava, enfim, não tinha mais funcionário, e oficial de justiça na sua porta, aquela história de sempre”. (E2)

O fracasso de uma organização é um evento que altera o curso de vida e que pode gerar alto estresse no empreendedor (SINGH, CORNER e PAVLOVICH, 2007), sendo que o homem se submete a situações de constante desequilíbrio físico e mental (CHAMON, 2006). Os indivíduos podem perceber as situações como ameaçadoras ou nocivas para o seu equilíbrio e gerar desequilíbrios e perturbações (CHAMON, 2006).

## 6.2 Desentendimentos com os sócios

Em relação aos relacionamentos interpessoais, pode-se perceber que cinco dos oito entrevistados tiveram problemas causados pelos desentendimentos e decepções com os sócios, o que parece ser um fator relevante para a evidência do estresse dos empreendedores diante o insucesso empresarial.

Pereira (1995) considera que o empreendedor atribui o insucesso a fatores externos ao negócio, como o contexto econômico, a falta de clientes e a deslealdade dos sócios. Há uma falta de visão dos empreendedores em culpar terceiros pelo fracasso vivenciado na organização, pois eles tendem a não reconhecer os seus próprios erros e acreditar que estão certos sobre tudo o que ocorre ao seu redor.

Para Zacharakis, Meyer e Decastro (1999), é comum os empreendedores que passaram pela experiência do insucesso empresarial culparem os sócios, a falta de conhecimento dos negócios, a pouca experiência, as ações do governo e a concorrência desleal pelo fracasso de seus negócios. Esse entendimento de responsabilizar outro fator, na visão dos autores, caracteriza-se como estilo de enfrentamento de identificação projetiva. Os trechos das falas de alguns empreendedores evidenciam os problemas vivenciados com os sócios nos negócios.

“Eu tinha uma sócia que queria... e eu queria vender coisas mais especiais, mais nobres, e ela queria vender coisas mais *comodites*, e a gente acabou se debatendo, e aí a gente preferiu se separar. E aí, nessa separação, houve o enfraquecimento do negócio muito grande, e eu, emocionalmente, eu tava muito, e eu emocionalmente eu tava, aí tivemos que fechar a porta do estabelecimento”. (E2)

“Por que o meu ex-marido era o meu sócio. Porque eu fazia a parte administrativa, ele, a parte operacional entramos em conflito, então, foi um período conflitante muito grande, muito grande, e foi onde nós quebramos”. (E3)

“Lógico que, quando você toma o assunto, isso te emociona porque é um período da tua vida que marca, porque é uma marca com perdas e decepções com relação à pessoa, porque era uma pessoa que vivia na tua casa, se alimentava do teu, da tua, da comida que você servia, sempre convidado, a gente tinha uma consideração muito grande, eu tinha um respeito e consideração muito grande como pessoa, mas o contrário não existiu, né?!” (E5)

Os desentendimentos com os sócios no período do insucesso empresarial parecem demonstrar que essa relação, quando afetada negativamente, traz decepção ao empreendedor, visto que as percepções quanto às mudanças são únicas e cada pessoa tem a sua forma de interpretação dos fatos. Para Christophoro e Waidman (2002), o estresse do indivíduo pode ser evidenciado pelo seu cansaço extremo gerado pelo contexto, excitação e/ou aflição causada por situações inesperadas ou constantes pressões e dificuldade nos relacionamentos dentre outros elementos. Os trechos abaixo ilustram essa ideia.

“As decepções com sócios, né, parte societária, porque todos os sócios que eu arrumei no fim, eu tinha que carregar o piano sozinho, então, eu tinha que carregar o piano, e pessoas que eu acreditei, que eu depusitei economias juntos, esperava que a pessoas vestisse a camisa e corresse junto e, no fim, foram as maiores decepções”. (E7)

“Ah, decepção com pessoas é muito forte, né, daí, essa parte de sócios, é, o negócio muda muito quando envolve um pouco de dinheiro, né, as pessoas perdem valores, perdem costumes, perdem verdade. É complicado”. (E8)

Essas decepções com os sócios inevitavelmente acarretam problemas psicológicos que podem trazer prejuízos econômicos, visto que os empreendedores lidam com a questão econômica do negócio. A ausência de vínculos instaura a desordem, a falta de autonomia e da referência do indivíduo no contexto do grupo social (MINELLO, 2010).

### 6.3 Questões econômicas

Freitas (2000) assegura que a sociedade moderna tem valorizado e privilegiado a imagem do indivíduo, a aparência e a visibilidade dos mitos que evidenciam e definem o sucesso, a ostentação do progresso, e a responsabilidade por sua própria vida e futuro. Contudo, quando o empreendedor percebe que o controle da situação fica limitado frente às crises e aos problemas que vão surgindo, em função das perdas econômicas, o indivíduo pode revelar sofrimento e/ou ter reações agressivas, conforme se pode visualizar nos trechos das falas dos entrevistados.

“Depois que eu quebrei, demoro uns três anos quebrado, e vivendo, fugindo de agiota, enfim, foi três anos aproximadamente de tortura psicológica, tortura, eu posso dizer tortura. (E1)

Ah, eu me sentia meio, meio, nada, e ter tido dinheiro e não ter tido aproveitado, né, tive muito dinheiro na conta mais que entro e saiu, que entro e saiu e não sobrou nada, e eu lamentava sobre isso, porque eu não soube gerenciar”. (E3)

“Me deixou um buraco econômico, emocional muito grande, mas eu superei, né?! você é... se sente infeliz na sua vida, se sente ela desmoronar, ela sai do seu controle, e emocional também, porque você entra num processo uma junção de coisas, que está acontecendo simultaneamente, parece que é muito pra você suportar”. (E5)

“Eu passei por uma situação que se minha mãe não chegasse com um pacote de arroz em casa, eu morria de fome, se minha mãe não chegasse com arroz em casa, a gente tinha morrido” (E7)

O fracasso nos negócios traz consigo uma perda econômica para o indivíduo empreendedor que irá repercutir psicologicamente em sua vida afetiva e na forma de perceber o mundo ao seu redor. Freitas (2000, p.53) afirma que “[...] o trabalho é uma grande fonte de referência para a construção social dos homens e de sua autoestima, o que significa dizer que essa relação passa pelo afetivo e pelo psicológico”.

“É o desespero de você ter uma porrada de dívidas. E tem umas que é aquela história que, se você não acerta elas, você não consegue nem se mover. Então, essa é a maior dificuldade que você passa a ter. (E4)

Eu não tinha dinheiro nem pra comprar remédio, você não sabe a situação que eu fiquei, me ameaçaram de morte foi uma crise, eu não tinha o que comer”. (E6)

“Pega muito na sua parte pessoal também, né, acho que essa é a pior parte, é coisas que você fazia você não pode mais fazer, aí vem a restrição de crédito, você vai comprar uma bolacha no cartão de crédito, você não pode comprar”. (E8)

O aspecto econômico compreende a pressão financeira gerada pela falta de receita (BRIEF et al., 1995) e, em situações de descontinuidade do negócio, pode ocasionar dívidas pessoais cometidas para o financiamento do negócio fracassado. Para Ferreira (2008), além da questão econômica, há também outros elementos que influenciam a capacidade ou a competência das pessoas para gerenciar o próprio dinheiro. A partir do momento em que o dinheiro do indivíduo está associado diretamente com a receita do negócio, torna-se ainda mais complexa a gestão do empreendimento. A identificação desses elementos pode contribuir para a ampliação da compreensão do comportamento econômico do indivíduo sob o insucesso empresarial, que são a aceitação social, a socialização econômica, comparação social, estilo de administração financeira, comportamento de consumo, horizonte temporal individual, atitudes frente ao endividamento e *locus* de controle.

#### 6.4 Sentimentos depreciativos

Chamon (2006) evidencia como aspectos importantes para a manifestação do estresse as percepções de impotência do indivíduo e o mal-estar frente a eventos difíceis de serem controlados por ele. O sentimento de humilhação, por exemplo, pode fazer com que o empreendedor fique vulnerável ao estresse, à medida que este representa uma resposta diante de uma alteração ou conflito, uma aflição em manter o equilíbrio frente a situações contrárias.

No caso deste artigo, considera-se o insucesso empresarial como um evento difícil de ser controlado por parte dos empreendedores entrevistados, visto que diversas variáveis contribuem para o surgimento de riscos que podem culminar no insucesso. Tal questão está atrelada à capacidade perceptiva do indivíduo empreendedor, sendo que, de maneira geral, com base nos relatos dos entrevistados, no momento em que percebem tal situação, as possibilidades de reversão do quadro ficam restritas. Isso se sustenta no fato de que cinco dos oito entrevistados manifestaram sentimentos depreciativos diante do insucesso empresarial, tais como: culpa, humilhação, ressentimento, sensação de perdedor, de fracassado, estigma, desprezo, como pode ser constatado nos trechos dos relatos abaixo.

“Eu voltei pra casa aquele dia arrasado. Olhei pra mim e comecei a pensar... tá tudo errado na minha vida, tá tudo errado da hora que eu nasci, da hora que eu fui criado, da hora que eu comecei a ter sucesso, e agora não deu certo, tá tudo errado, pra mim tá tudo errado. Então isso era difícil, muito difícil. Quando eu olhava pra um amigo, que começa no ramo como eu, e via que a oficina dele tava bombando e que a minha não tinha um serviço, isso também era difícil. Mais o único culpado de tudo isso era eu mesmo”. (E1)

“Muitas mudanças, (risos), você começa a andar de pé, você não tem dinheiro pra pôr gasolina, as pessoas te olham com outro olhos, você já não tem mais assim, um ambiente na sociedade daqueles seus amigos que te convidavam pra um almoço na casa deles, te convidavam pra ir na casa de praia, as pessoas te olham de outra forma, a sociedade é assim, NE”. (E4)

“Que você falhou, né, a sua falha mesmo administrador, a sua falha como profissional, né, que quando você quebra, você não quebra humanitariamente, você quebra moralmente. Então, todo mundo te olha na rua, e fala, olha aquele cara que quebrou oh, fracassado né?”

Mais assim, a parte mais difícil mesmo é que você tem que mudar um pouco o seu estilo de vida, ne". (E8)

Na visão de Goffman (1963), o estigma acontece quando alguém é rotulado pela sociedade como *contaminado*, menos desejável ou deficiente, por meio de uma avaliação negativa do indivíduo, que pode ser percebida por ele próprio (autopercebida) ou decretada. A avaliação negativa autopercebida remete à vergonha vinculada a certo fato e ao medo da discriminação das pessoas em virtude da inferioridade imputada ou à falta de aceitação pela sociedade (GOFFMAN, 1963; WILLIAMS, 1987). No caso da avaliação negativa decretada, refere-se à discriminação estabelecida pelo contexto social em que o indivíduo está inserido. Williams (1987) considera que o estigma pode levar o indivíduo a ter sentimentos de culpa, vergonha e desorganização de sua identidade, fazendo com que aumente o seu estresse associado ao fato ocorrido e contribua para a morbidade psicológica e social. Como pode ser visto nos trechos das falas de E2 e E7.

"Grande parte dos meus amigos já tavam assim, bem-sucedidos, isso me deixava um pouco com a sensação de humilhação, sabe, de tá, tá errado, foi uma bosta minha vida tal. O problema já tá aí, né, então, foi um pouco ressentimento que eu tive, né, é claro, e oscilando muito com o sentimento de sensação de perdedor, de fracasso". (E2)  
"Então na sua vida pessoal é muito impactante. Foi uma época que eu fiquei com depressão, vê que você realmente não tem mais amigos, que boa parte da sua família te despreza, boa parte da família da sua esposa, você vira motivo de chacota, de riso, de conversinha de canto. Então, isso aí impacta demais na vida da gente". (E7)

Além desses sentimentos negativos, segundo Schermerhorn, Hunt e Osborn (1999), os indicadores de estresse excessivo podem ser as alterações nos hábitos alimentares e no consumo de tabaco e álcool, dores, disfunções estomacais, inquietação, pouca concentração, insônia, tensão, desorientação e irritabilidade dentre outros. Nas afirmações de dois empreendedores entrevistados, pode-se destacar a falta de sono como um elemento relevante causado pelo estresse do insucesso empresarial.

"A maior preocupação que deixa um cara na verdade é, não dorme direito, olha é poucas coisas, eu sou um cara que resolvo dormir, apago da mente, mais quando alguma coisa, somente a funcionários, o que é mais significativo, um quadro de funcionário bater na minha porta, bater na porta da minha sala, e falar assim oh, eu não recebi, entendeu, me irrita trabalhar com um cliente e ele não paga os funcionários direito. Isso é uma das coisas que me irrita e me preocupa, me deixa, me deixa sem sono". (E4)  
"Você deita à noite pra dormir, pessoas que passaram por isso devem saber, não dormem... eu fiz três cirurgias no rim, pra você ter uma ideia, eu tomava uma garrafa de uísque por noite". (E7)

Na visão de Lipp e Malagris (1995), em uma das fases do estresse, denominada exaustão, ocorrem alguns problemas como a depressão, a ansiedade aguda e a incapacidade de tomar decisões. Para Pietro e Tavares (2005), as pesquisas, especialmente aquelas realizadas com adolescentes e jovens, identificam a existência de elementos estressores na história de vida

dos indivíduos que tentam ou cometem suicídio. Geralmente apontam a incidência de experiências de adversidade durante o período de desenvolvimento emocional. Os relatos de E1, E5 e E7, ilustram essas colocações.

“Eu coloquei uma cadeira próximo do guarda-roupa, e peguei uma arma que tava em cima do guarda-roupa do meu cunhado que, sendo policial, deixava ela fácil ali. Coloquei sobre a minha cabeça e pensei em atirar. Foi o momento que marco, quando eu lembro ao contar até agora sobre esse... esse... Essa fase eu me lembro dela com um bom sentimento não. Foi um mal sentimento ali”. (E1)

“E aí você tem momentos depressivos, momentos que você tem vontade de desistir da vida. Foram tantas as pressões... e essas pressões... levaram a pensamentos ruins..., inclusive, pensei em suicídio... mas, com o tempo, consegui tirar isso da cabeça. (última frase inserida posteriormente à entrevista, via telefone)” (E5)

“Eu pensei realmente em me suicidar, uma tarde eu peguei no parapeito do prédio e pensei em pular, pular, acho que não tem mais condições acho que acabou por aqui, vo me matar mesmo, mais graças a Deus que me deu força, me deu graça naquele momento” [...] (E7)

Diante disso, Norris, Tracy e Galea (2009) destacam a necessidade de se buscar a compreensão dos padrões de sofrimento psíquico diante de estressores potencialmente patológicos para a saúde mental dos indivíduos, com o objetivo de elaborar um conjunto de trajetórias psicológicas que demonstrem as possibilidades de intervenções para elevar a resiliência e reduzir as reações adversas frente aos estressores. O fundador da empresa tem uma relação repleta de sentimentos e emoções que vão muito além do racional (LEMOS, 2003).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar a influência do estresse sobre o comportamento de empreendedores que vivenciaram o insucesso empresarial. Para tal, foram definidas categorias de análise não *a priori*, a partir dos relatos dos entrevistados, os quais possibilitaram a identificação de comportamentos desses empreendedores diante da adversidade do fracasso.

Respondendo à pergunta de pesquisa – como o estresse do empreendedor pode influenciar o seu comportamento diante do insucesso empresarial – pôde-se constatar que o estresse gerado pela adversidade do fracasso empresarial, segundo os relatos dos entrevistados, influencia de maneira significativa o comportamento de tais indivíduos. Isso se sustenta no momento em que se reflete acerca das categorias de análise não *a priori*, visto que as mesmas evidenciam a similaridade de percepção, dentre os empreendedores entrevistados, no que se refere aos comportamentos diante da experiência da descontinuidade do negócio. Essa singularidade parece representar o impacto do insucesso sobre a percepção desses indivíduos diante de tal situação, gerando, com isso, o estresse que repercute diretamente no comportamento dos empreendedores entrevistados.

Nesse sentido, considerando-se cada uma das categorias de análise, pôde-se constatar, de maneira mais acurada, a repercussão do estresse sobre o comportamento dos entrevistados.

Em relação aos eventos estressores relacionados à família e aos amigos, que representa a primeira categoria de análise, verificou-se que a maioria dos entrevistados vivenciaram experiências traumáticas na infância, bem como abusos psicológicos, provocando traumas e perturbações emocionais. O abandono de familiares, o falecimento de pais, amigos, esposa e filho, foram acontecimentos marcantes na vida de vários empreendedores entrevistados. No entanto, não se pode afirmar que o estresse dos empreendedores entrevistados, ocorrido em outros períodos da vida, como na infância, possa ter uma relação direta com o insucesso empresarial experienciado na fase adulta. Segundo Machado (2006), as emoções são consideradas importantes para a construção das representações e das identidades dos indivíduos, pois representam o confronto entre as ocorrências externas e a maneira como a pessoa pensa, percebe e reage.

Nesse sentido, ressalta-se que a experiência do fracasso para os empreendedores entrevistados fez emergir sentimentos de tristeza e tensão, relacionados ao insucesso de seu negócio e pelas necessidades que surgiram a partir dele. Tal afirmação encontra sustentação no entendimento de Singh, Corner e Pavlovich (2007) que consideram o fracasso como um evento que altera o curso de vida e que pode suscitar alto estresse no empreendedor. Evidencia-se, então, que o comportamento do empreendedor reflete sua percepção sobre o que acontece ao seu redor e evidencia suas características comportamentais, as quais envolvem aspectos racionais e emocionais.

Diante disso, na perspectiva dos entrevistados, os desentendimentos e as decepções com os sócios, segunda categoria de análise, também foram fatores importantes que estimularam o surgimento do estresse diante do insucesso empresarial. De acordo com Freitas e Guenzburger (2009), há dificuldade por parte dos sócios empreendedores em visualizar a importância do conflito na ineficiência da administração e no insucesso empresarial. Para esses autores, o brasileiro geralmente é amigável e sociável e tem receio de sofrer com a solidão. O indivíduo teme perder a possibilidade de estar ao redor de amigos, inclusive, no contexto dos negócios.

A terceira categoria de análise, questões econômicas, também favorece o surgimento do estresse, com repercussões significativas para a vida das pessoas envolvidas, como a restrição de crédito e a falta de capacidade financeira. A perda de crédito decorrente do insucesso empresarial parece ser um dos fatores *estigmatizantes* da pessoa, os quais estabelecem o estigma de *fracassado*, oriundo de sua percepção sobre o meio e sobre si mesmo, como também de sua percepção sobre o que os outros pensam a seu respeito.

O comportamento dos empreendedores entrevistados diante do insucesso empresarial também foi marcado por sentimentos depreciativos – quarta categoria de análise – potencializando a percepção quanto ao estresse. Esses sentimentos repercutiram diretamente no comportamento dos indivíduos, evidenciados por ações autodestrutivas como a ideação suicida, provocadas pelo esgotamento de sua capacidade em lidar com o estresse gerado por tal situação. Diante disso, fica evidente que a carga emocional negativa, peculiar em situações de alta pressão como a do fracasso empresarial, exige clareza por parte do indivíduo para que ele consiga refletir de maneira adequada sobre o que acontece ao seu redor.

Contudo, a impotência diante de tal situação e a impossibilidade de enxergar um caminho ou uma saída, na visão dos entrevistados, assumem imensuráveis proporções, estimulando fortemente a tensão vivenciada nesse momento. Assim, a evidência de que o estresse se manifesta a partir das percepções de impotência e de mal-estar frente a eventos difíceis de

serem controlados pelo indivíduo (CHAMON, 2006), se efetiva no contexto dos negócios, principalmente em situações de adversidade, como no caso do insucesso empresarial.

Como fator limitador deste estudo destaca-se a impossibilidade de generalização dos resultados, sendo estes válidos apenas para os empreendedores entrevistados. Sugerem-se estudos futuros que busquem ampliar a compreensão e atenuar os efeitos causadores do estresse no empreendedor dentro do contexto dos negócios.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARLACH, L. O que é resiliência Humana? Uma contribuição para a construção do conceito. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2005.

BONANNO, G. Loss, trauma, and human resilience: have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events? **American Psychologist**, v. 59, nº 1, p. 20-8, 2004.

BRIEF, A.; KONOVSKY, M.; GOODWIN, R.; LINK, K. Inferring the meaning of work from the effects of unemployment. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 25, p. 693-711, 1995.

CHAMON, E. M. Q. O. Estresse e estratégias de enfrentamento: o uso da escala Toulousaine no Brasil. **Revista de Psicologia e Trabalho – Rpot**, v. 6, nº 2, p. 43-64, Jul/Dez. 2006.

CHRISTOPHORO, R.; WAIDMAN, M. A. P. Stress: Condições de trabalho em docentes universitários. **Revista Ciência, Cuidado e Saúde, Maringá**, v. 1, nº 1, p. 171-5, 1º sem. 2002.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura, 1999.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo - transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios**. 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia** 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERREIRA, V. R. M. **Psicologia econômica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FLACH, F. **Resiliência: a arte de ser flexível**. São Paulo: Saraiva, 1991.

FLECK, D. L. Archetypes of organizational success and failure. **Brasilian Administration Review**, Curitiba, v. 6, nº 2, p. 78-100, Apr./June 2009.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo. v. 34, nº 2, p. 5-28, Abr./Jun. 1999.

FINKELSTEIN, S. **Por que executivos inteligentes falham**. São Paulo: Makron Books, 2007.

FREITAS, M. E. A questão do imaginário e a fronteira entre a cultura organizacional e a psicanálise. *In*: MOTTA, F. C. P.; FREITAS, M. E. (Orgs). **Vida psíquica e organização**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

FREITAS, J. A. S. B.; GUENZBURGER, H. L. R. O não reconhecido conflito societário: uma intervenção sociodramática. **Revista de Gestão USP**, São Paulo. v. 16, nº 31-47, Jul./Set. 2009.

GOFFMAN, E. **Stigma**. Englewood Cliffs. NJ: Prentice Hall, 1963.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

\_\_\_\_\_ **Empreendedorismo**. 7ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

JOB, F. P. P. **Os sentidos do trabalho e a importância da resiliência nas organizações**. 2003. 237f. Tese (Doutorado em Administração) - FGV/EAESP. São Paulo.

LAZARUS, R. S. Psychological stress in the workplace. *In*: R. CRANDALL, P. L e PERREWÉ (Orgs). **Occupational stress: a handbook**. Washington: Taylor & Francis, 1995, p. 3-14.

LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. **Stress, appraisal, and coping**. Nova York: Springer, 1984.

LEMONS, M. F. M. O processo de sucessão em empresas familiares: planejamento da troca de comando evita desgastes emocionais e riscos para as empresas. **Revista FAE BUSINESS**, nº 5, p. 40-2, Abr. 2003.

LIPP, M. E. N. **O stress está dentro de você**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

LIPP, M. E. N., MALAGRIS, L. N. Manejo do stress. *In*: RANGÉ, B. (Orgs). **Psicoterapia comportamental e cognitiva: teoria, pesquisa e aplicações**. Campinas: Ed. Psy II, 1995. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2005000100007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2005000100007&script=sci_arttext)

MACHADO, H. V. Expressão emocional no exercício da atividade empreendedora por mulheres. **O&S**, v. 13, nº 38, p. 59-72, Jul/Set. 2006.

MALVEZZI, S. Psicologia organizacional. Da administração científica à globalização: uma história de desafios. *In*: MACHADO, C; MELO, M.; FRANCO, V.; SANTOS, N. Interface da Psicologia. Universidade de Évora. Portugal, 1999.

MASTEN, A. S. Ordinary magic resilience processes in development. **American Psychological Association**, v. 56, nº 3, Mar. 2001.

MCCLELLAND, D. C. **The achievement society**. Princeton, NJ.: Van Nostrand Co, 1961.

MEJÍA, R. I. F. **Indicador de presión en el trabajo en ejecutivos mexicanos y estrategias de manejo com enfoque de desarrollo humano organizacional**. 2006. 149f. Tesis (Doctor en Desarrollo Humano). - Universidad Iberoamericana. México, D.F.

MINELLO, I. F. **Resiliência e insucesso empresarial: um estudo exploratório sobre o comportamento resiliente e os estilos de enfrentamento do empreendedor em situações de insucesso empresarial, especificamente em casos de descontinuidade do negócio**. 2010. 321f.

Tese (Doutorado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração – Faculdade de Economia, Contabilidade e Administração. Universidade de São Paulo. São Paulo.

NORRIS, F. H.; TRACY, M.; GALEA, S. Looking for resilience: understanding the longitudinal trajectories of responses to stress. **Soc .Sci. Med.**, v. 68, nº 12, p. 2.190-8, May/ June, 2009.

NICKEL, D. C.; COSER, C. Mudança organizacional, aprendizagem e estresse: um estudo de caso numa IES. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 14, nº 3, p. 91-106, Jul./Set. 2007.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, A. **Validação da escala de estresse no trabalho. Estudos de Psicologia. Universidade de Brasília**, Brasília, v. 9, nº 10, p. 45-52, 2004.

PEREIRA, H. J. Motivos de sucesso de fracasso organizacional. *In*: SANTOS, Heitor José Pereira e Silva Aparecido dos. (Ed.) **Criando seu próprio negócio: como desenvolver o potencial empreendedor**. Brasília: Ed. SEBRAE, 1995, p. 271-8

PEREIRA, J. M.; DOMINGUÉZ, M. A. C.; OCEJO, J. L. S. Modelos de Previsão do Fracasso Empresarial: Aspectos a considerar. **Revista de Estudos Politécnicos**, v. IV, nº 7, p. 111-148, 2007.

PIETRO, D.; TAVARES, M. Fatores de risco para suicídio e tentativa de suicídio: incidência, eventos estressores e transtornos mentais. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 54(2): 146-154, 2005.

PORCARO, E. O. **O empreendedor e seu perfil psicológico: um estudo comparativo entre Brasil e Portugal**. 119f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Administração). Faculdade de Economia e Finanças IBMEC. Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração e Economia. Rio de Janeiro, 2006.

REICH, R. B. **O futuro do sucesso: equilíbrio entre trabalho e qualidade de vida**. São Paulo: Manole. 2002.

ROBB, D. J. Building resilient organizations. *OD Practitioner*, vol. 32, nº 3, 2000.

SALGADO, P. M; MEJÍA, R. S. Estrés en ejecutivos de medianas y grandes empresas mexicanas: un enfoque de desarrollo humano organizacional. **Estudios Gerenciales**, v. 24, nº 108, p. 15-36, Jul/Set. 2008.

SAMPIERI, R. H., COLLADO, C. F., LUCIO, P. B. **Metodologia da pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTOS, S. A. A ação empreendedora em uma economia globalizada e competitiva. *In*: **Criando seu próprio negócio: como desenvolver o potencial empreendedor**. Coordenação de Heitor José Pereira e Silva Aparecido dos Santos. Brasília: Ed. SEBRAE, p. 13–28, 1995.

SCHERMERHORN JR. J. R., HUNT, J. G., OSBORN, R. N. **Fundamentos de comportamento organizacional**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 1999.

SCHNEIDER, A. M. A.; PACHECO, J. T. B. eventos estressores e conduta social na adolescência. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 3, nº 1, p. 23-32, 2010.

SELYE, H. **Estresse: a tensão da vida**. 2ª ed. São Paulo: IBRASA, 1965.

SHEPERD, D. A. Learning from business failure: propositions of grief recovery for the selfemployed. **Academy of Management Review**, v. 28, nº 2, p. 318-28, 2003.

SINGH S.; CORNER, P.; PAVLOVICH, K. Coping with entrepreneurial failure. **Journal of Management & Organization**, nº 13, p. 331-44, 2007.

THORNE, M. L. Interpretando a transformação corporativa com base no fracasso. **Management Decision**, v. 38, nº 5, p. 305-14, 2000.

ZACHARAKIS, A. L.; MEYER, G. D.; DECASTRO, J. Differing perceptions of new failure: a matched exploratory study of venture capitalists and entrepreneurs. **Journal of Small Business Management**. v. 37, nº 3, July 1999.

WHETTEN, D.A. Organizational decline: a neglected topic in organizational science. **Academy of Management Review**, v.5, n.4, p.577- 88, Oct.1980.

WILLIAMS, S. Goffman, interactionism, and the management of stigma in everyday life. *In*: SCAMBLER, G. (Ed). **Sociological theory and medical sociology**. London: Tavistock, 1987, chapter 6.

YUNES, M.A.M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. *In*: TAVARES, J. (Org.) **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

---

#### **Ítalo Fernando Minello**

Doutor em Administração pela FEA/USP (2010). Mestre em Administração de Empresas pela Universidade Federal de Santa Catarina (1998). Graduado em Administração de Empresas pela Universidade Federal de Santa Maria (1988). Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Maria. Endereço: Universidade Federal de Santa Maria. Rua Floriano Peixoto, nº 1184. Centro. CEP: 97015372. Santa Maria-RS. Brasil. E-mail: italo.minello@uol.com.br.

#### **Tarízi Cioccarri Gomes**

Mestrando em Administração na Universidade Federal de Santa Maria. Graduado em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (2010). Endereço: Universidade Federal de Santa Maria. Rua Floriano Peixoto, nº 1184. Centro. CEP: 97015372. Santa Maria-RS. Brasil. E-mail: tarizi@hotmail.com.